

# Elogio da tradução: uma leitura de *Seu rosto amanhã*, de Javier Marías

Maria Célia Martirani<sup>\*</sup>

*Abstract:* The fiction of the contemporary Spanish writer Javier Marías is about the art of translating. Indeed, especially in his trilogy, titled *Your face tomorrow* (v.1: *Fever and spear*; v.2: *Dance and dream*; v.3: *Poison, shadow and farewell*), published respectively in 2002, 2004 and 2007 in Brazil by Cia das Letras, the art of translating, mainly in the 1st volume, plays a central role in the structure of the novel. Draws attention how he transforms poetically, much of his real experience as a translator. In this sense, one of the recurring features of the work which I propose to analyze here, is the exaltation of the translator as a professional and the ethical consequences that result from it. Our study is therefore designed to check the narrative procedures of the novel, according to some concepts of the Translation's and Translator's Theory, as proposed by Albrecht and Kade and, most of all, according to Bausch's theory about the translator's role as a particular reader who re-creates the text.

*Keywords:* Javier Marías - Translator - Art of translating - Fiction - Bausch.

---

<sup>\*</sup> Doutoranda do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH/USP e professora de Língua e Literatura Italiana da UFPR. Email: [pispiti@yahoo.com.br](mailto:pispiti@yahoo.com.br).

*Resumo:* O escritor paulista contemporâneo Javier Marías vem privilegiando, em sua narrativa ficcional, a tradução. Com efeito, especialmente em sua trilogia, intitulada *Seu rosto amanhã* (v.1: *Febre e lança*; v.2: *Dança e sonho*; v.3: *Veneno, sombra e adeus*), publicada, respectivamente, em 2002, 2004 e 2007, no Brasil pela Cia. das Letras, a arte de traduzir, sobretudo no 1º volume, assume papel central na estrutura do romance. Chama a atenção como ele a ficcionaliza e a torna complexa, transfigurando poeticamente muito de sua experiência real como tradutor. Nesse sentido, um dos traços recorrentes da obra, que aqui se pretende analisar, é o da exaltação da profissão de tradutor, que o protagonista narrador exerce e as consequências éticas a que isso conduz. Nosso estudo visa, pois, verificar os procedimentos narrativos do romance, partindo de alguns conceitos da teoria da tradução e de tradutor, propostos por Kade e Albrecht, num primeiro momento e a seguir, do modelo tradutório, cuja base é a da concepção centralizadora do papel do tradutor como leitor particular, que re-cria o texto, nos termos de Bausch, numa releitura de Arcaini.

*Palavras-chave:* Javier Marías - Tradutor - Arte de traduzir - Ficção - Bausch.

## Introdução

O autor paulista Javier Marías surge, entre os ficcionistas contemporâneos, como um narrador ensaísta, ao lado, por exemplo, de J. M. Coetzee, que vem privilegiando o espaço romanesco como terreno fértil para o gênero ensaístico.

Chama a atenção, entretanto, em sua extensa trilogia, intitulada *Seu rosto amanhã* (v.1: *Febre e Lança* - 2002; v.2: *Dança e sonho* - 2004; v.3: *Veneno, sombra e adeus* - 2007), o enfoque que o protagonista *Jacques Deza* confere, especialmente, à arte de traduzir.

Com efeito, esse narrador em primeira pessoa detém as rédeas do narrar, ao contar sua intensa trajetória de vida. Apresenta-se, num primeiro momento, como professor de Literatura Espanhola e Tradução em Oxford e, a posteriori, como tradutor e intérprete para um grupo específico de intelectuais da alta espionagem britânica, aos quais presta serviço.

Sabe-se que Marías se formou em Letras e se especializou em Filologia, tendo trabalhado como roteirista e tradutor, até publicar seu primeiro romance, *Os domínios do lobo*, em 1971. Desde então, já escreveu mais de trinta, entre os quais *Coração tão branco*, *O homem sentimental*, *Quando fui mortal* e os três volumes de *Seu rosto amanhã*, publicados no Brasil pela Cia. das Letras.

O que percebemos, como uma entre as infinitas chaves de leitura que se abrem, diante do universo de um autor tão prolífero, é como ele ficcionaliza a complexidade do ato de traduzir, transfigurando poeticamente, no romance que aqui se pretende analisar, muito de sua experiência real como tradutor.

Inserida no contexto pós-moderno, sua obra se nutre das mais diversas formas de intertextualidade (textos que remetem a outros), da sobreposição

de discursos, das releituras críticas da história oficial, das discussões sobre alta cultura e baixa cultura, das nuances sempre controversas do embaralhamento entre arte e vida.

Em todas as manifestações desse estilo pujante, em que as palavras jorram de uma fonte inesgotável de indagações, há sempre subjacente a intenção de traduzir palavras, expressões, gestos, fatos históricos, pessoas, enfim, vida.

## 1 Da tradução

Nesse sentido, um dos traços recorrentes em toda a obra é o da exaltação da profissão de tradutor, que o protagonista exerce. O conceito de tradução aqui, porém se amplia à máxima potência e se relativiza, uma vez que parte de um primeiro conceito de tradução como aproximação de universos linguísticos distintos (o do espanhol e o do inglês) até o da compreensão do outro, numa visão dialética de alteridade, que ora nos espelha, ora repele; que às vezes, identifica e simultaneamente, estranha.

Em vários trechos dos três volumes, temos a impressão de estar diante de verdadeiras e requintadas aulas de tradução, de questões de filologia ou linguística comparada, como por exemplo, quando o personagem *Peter Wheeler*, um dos mais renomados professores octogenários de Oxford, a quem *Jacques Deza* tanto admira, emprega a palavra “presciência”:

Tinha empregado a palavra “prescience”, culta mas não tão rara em inglês quanto é em espanhol “presciência”, entre nós ninguém a diz e quase ninguém a escreve e muito poucos a sabem, nós nos inclinamos mais por “premonição” e “pressentimento” e até “palpite”, todas têm mais a ver com as sensações, uma desconfiança - também se diz, coloquialmente -, mais com as emoções do que com o saber, a

Martirani, M.C. - Elogio da tradução: uma leitura de *Seu rosto amanhã*, de Javier Marías

certeza, nenhuma delas implica o conhecimento das coisas futuras, que é o que de fato significam “prescience” e também “presciência”, o conhecimento do que ainda não existe e não aconteceu...

O que Peter tinha dito era “presciência”, um latinismo chegado quase sem alterações às nossas línguas a partir do original *praescientia*, uma palavra desusada, rara, e um conceito nada fácil de compreender, portanto... (MARIAS 2003: 95-96).

Há também exemplos jocosos de expressões, que não encontram similares no jogo tradutório, como na difícil empreitada que o narrador tem pela frente para explicar ao mesmo *Sr. Wheeler* (intelectual inglês, exímio conhecedor da língua espanhola) o significado de “mulher turbinada”:

Impossível uma tradução verossímil. Ou não, para tudo há tradução, é só trabalhá-la, mas eu não ia me dedicar a isso àquela hora. O reaparecimento da minha língua fez Wheeler transportar-se a ela momentaneamente.

- Turbinada? Turbinada, você disse? - perguntou-me com uma ponta de desconcerto e também de aborrecimento, não gostava de descobrir lacunas em seus conhecimentos

- Turbinada? Turbinada, você disse? - perguntou-me com uma ponta de desconcerto e também de aborrecimento, não gostava de descobrir lacunas em seus conhecimentos - Não conhecia o termo, embora o entenda sem dificuldade, creio. É como “boazuda”?

- É. Sim. É isso mesmo, Peter. Não sei explicar agora, mas com certeza entende, perfeitamente.

Wheeler se coçou na altura da costeleta [...]

- Deve ter a ver com turbina, humm - murmurou, de repente muito pensativo. Embora não veja a associação, a não ser que seja como aquela expressão, “do peru”, essa sim eu conheço, aprendi faz uns meses. Você diz, do peru? Ou é muito vulgar?

- Meio juvenil, isso sim.

- Bem, eu deveria visitar mais a Espanha. Fui tão pouco nos últimos vinte anos que daqui a pouco serei incapaz de ler um jornal direito, a língua coloquial muda sem parar... (MARIAS 2003: 117).

Como notamos nos trechos acima transcritos, por meio da ironia, o autor apresenta algumas das questões cruciais que vêm sendo objeto contínuo de discussões da teoria da tradução, desde que esta, por volta dos anos 60,

passou a se definir como uma disciplina construída sobre bases científicas. De fato, conforme aponta o estudioso italiano Enrico Arcaini, desde então, não se tratava mais de especular sobre a traduzibilidade de um ponto de vista ideológico ou político, mas de enfrentar a questão pragmática, interligando-a a estudos teóricos, capazes de justificar um aparato conceitual científico. No romance de Marías, há ainda menções pontuais a esses exercícios tradutórios, à medida que o enredo vai se desenvolvendo, porém num crescente grau de complexidade.

O que definirá o paradoxo da difícil arte de traduzir será nesse caso, afinal, a dimensão que essa tarefa passa a assumir no transcórre da narrativa.

De fato, em sua primeira estada na Inglaterra, o jovem espanhol *Jacques Deza* teria sido - por um breve período - professor de Literatura Espanhola e tradutor em Oxford.

No momento em que o narrar se atualiza, estamos na década de 80 e ele, então, volta a Londres, dessa vez trabalhando como hispanista na rádio BBC, após a dolorosa separação da mulher Luisa, a quem ainda ama e que continua em Madri com os dois filhos pequenos.

Volta, por ocasião, a conviver com alguns nomes importantes da elite universitária de Oxford, especialmente o velho culto e elegante Sr. Peter Wheeler e o ilustre Bertram Tupra, a quem conhece numa *high table* (festa fechada da elite oxfordiana).

Estes lhe propõem um novo trabalho, já que o emprego naquela rádio não o satisfazia. Persuadem-no, convencendo-o de que ele - tanto quanto os demais daquele elitizado grupo - possui um dom muito especial, que é o de ser capaz de ampliar o foco tradutório do âmbito das línguas para o das pessoas.

## 2 Traduzir e interpretar

Mesmo sem saber a que finalidade se destinavam aquelas “interpretações” de pessoas que passa a realizar, nosso protagonista se sai muito bem e alarga o rol de traduções que lhe submetem:

Foi inevitável a sensação de ter passado num exame e de que eu me incorporava ao que quer que fosse aquilo, na época não indaguei muito a respeito nem tampouco mais tarde, nem tampouco agora porque aquilo talvez tenha sido sempre impreciso[...]

As modalidades dessas tarefas variavam, sua essência porém pouco ou nada, consistia em ouvir, prestar atenção, interpretar e contar, em decifrar condutas, aptidões, caracteres e escrúpulos, desprendimentos e convicções, o egoísmo, ambições, incondicionalidades, fraquezas, forças, veracidades e repugnâncias; indecisões. Interpretava - em três palavras - histórias, pessoas, vidas. Histórias por acontecer, freqüentemente. Pessoas que se desconheciam e que não poderiam ter se aventurado a ver sobre si mesmas nem uma décima parte do que eu via nelas, ou me instavam a ver algo nelas e a expressar isso, era o trabalho.

Vidas que ainda podiam fracassar logo cedo e não durar nem para assim se chamar, vidas incógnitas e a ser vividas [...]

Outras sim me utilizavam como intérprete da língua, a espanhola e também a italiana, mas no amplo conjunto de conversas e supervisões, essas vezes logo passaram a ser as menos numerosas, e em todo caso nunca me limitava a apenas trasladar palavras, requeriam meu ponto de vista no fim, quase meu prognóstico em certas ocasiões, como dizer, uma aposta. (MARIÁS 2003: 227-8).

Se é verdade que uma boa chave de leitura de Marías é a de seguir a ambientação do romance enquanto excitante *thriller* de espionagem, faz-se necessário, também, perceber sua acurada consciência metaliterária, uma vez que o ato de espiar, aqui, merece ser entendido de modo mais abrangente.

O que temos, pois, é um verdadeiro elogio à arte de traduzir, de saber ver (ou de espiar/espionar), de ler e interpretar pessoas, porém não apenas no sentido idealizado do que isso represente, mas com todas as implicações a

que tais leituras possam induzir. Estas implicações assumem, de modo constante e inevitável, a angústia do que não se resolve de maneira linear ou pacífica, mas contraditória. O ato de traduzir, desse modo, não se reduz, apenas a um ato de amor à língua estrangeira, à reverência utópica de redenção ao diverso, mas é muito mais a constatação dos limites e das consequências funestas a que seu mau uso pode levar.

### 3 A figura do tradutor

De certa forma, delinea-se aqui uma figura do tradutor como o que tem competência em diversos níveis linguísticos e extralinguísticos. Essa concepção do processo tradutório passou por uma série de propostas conceituais. Assim, conforme ensina o teórico Enrico Arcaïni, num primeiro momento, ela enfatizou a noção de código, na premissa da equivalência sintática, proposta por Kade. Um outro modelo seguinte teria colocado em evidência a importância, nas relações entre as línguas, do referente extralinguístico (Albrecht), entendido como mundo externo.<sup>1</sup> Os códigos linguísticos, assim, são potencialidade de significado. Com efeito, os chamados códigos (os signos linguísticos) não remetem necessariamente à mesma realidade referencial:

---

<sup>1</sup> Conforme estudo de Rosemary ARROJO (1998) "Os "estudos da tradução" como área de pesquisa independente: dilemas e ilusões de uma disciplina em (des)construção: a *Übersetzungswissenschaft* – desenvolvida a partir de meados de 1960 pela chamada *Escola de Leipzig* (representada por Otto Kade, Gert Jager and Albrecht Neubert, entre outros), e por especialistas como Wolfram Wilss, Katharina Reiss e Werner Koller sobretudo durante a década seguinte (cf. SNELL-HORNBY 1988: 14). Como observa Mary Snell-Hornby, "da mesma forma que a lingüística tem como meta tornar o estudo da linguagem estritamente científico, a *Übersetzungswissenschaft* tem como meta tornar o estudo da tradução rigorosamente científico e inequívoco", o que implica, naturalmente, uma rejeição das chamadas teorias de tradução tradicionais, consideradas "subjetivas", e até mesmo "ingênuas" (idem). Como a lingüística, a *Übersetzungswissenschaft* "adotava perspectivas e métodos das ciências exatas, em particular da matemática e da lógica formal" (idem).

Martirani, M.C. - Elogio da tradução: uma leitura de *Seu rosto amanhã*, de Javier Marías

O referente não pode ser, portanto, um evento "idêntico", porque não existe nunca uma sobreposição total entre referentes, havendo um desequilíbrio de fato entre o que o emissor "pretende comunicar" e o que o receptor "compreende" efetivamente. Traduzir não significa estabelecer identidades totais, mas fornecer aproximações. (ARCAINI 1992: 18. Trad. nossa).

Finalizando o que entende por processo tradutório, Arcaini postula como central, a proposta de Bausch, que se volta à figura do tradutor. Segundo essa linha de análise, o modelo tradutório deve ser concebido como a combinação de diversas competências: tradutória, contextual, linguística:

O assunto de partida é um texto; o tradutor é um leitor particular, que deve compreender e transmitir ao destinatário, os efeitos de sentido encontrados e as funções comunicativas expressas. O tradutor analisa o conteúdo semântico-informativo e, levando em conta as características estilísticas, opera escolhas linguísticas, assumindo, desse modo a dimensão de autor, em uma fase que re-cria o texto. O tradutor tem, portanto, neste modelo, um papel de primeira importância. (ARCAINI 1992: 19. Trad. nossa).

No romance de Marías, pode-se evidenciar, sem dúvida, o papel do tradutor no centro da tessitura narrativa, baseado, numa primeira instância, no modelo operacional, tal como proposto por BAUSCH (1981). Mas a noção do tradutor - re-criador de sentidos, aos poucos, conforme a narrativa avança, vai perdendo a aura positiva, necessária ao entendimento do processo tradutório em si e passa a assumir a ideia de reverso da medalha, ou melhor dizendo, o mesmo Jacques, exímio tradutor, capaz de captar habilmente, os sentidos linguísticos e extralinguísticos dos textos, passará a ter pela frente, um referencial muito mais amplo e perigoso, tocando em questões de cunho ético.

## 4 Tradução e Ética

Assim, o menino Jacques, desde a infância aprendera, com o próprio pai, a não se satisfazer com a primeira impressão das coisas, teria sido estimulado a ver sempre além, a buscar outros sentidos ao espaço circundante, que não o superficial e, desse aprendizado, nascera-lhe o estranho dom daqueles que sabem interpretar e traduzir pessoas. “Olhe mais, indague mais, procure mais” era o treino para desenvolver os olhos da mente e assim ampliar o ângulo de percepção e, enfim, de leitura do mundo.

Em boa medida, um dos aspectos mais relevantes, hoje ressaltados pela Teoria da Leitura é, precisamente, o que trata da correspondência entre ver/apreender e ler. Nos termos de Alberto Manguel em *Uma história da leitura*, por exemplo, “o processo de ler, tal como o de pensar, depende da nossa capacidade de decifrar e fazer uso da linguagem, do estofo de palavras que compõe texto e pensamento” (MANGUEL 1997: 54-5). Se apenas nos detivéssemos ao lado positivo dos que aprendem a interpretar além do senso comum, talvez como o personagem *Novecento* do monólogo homônimo de Alessandro Baricco, que não lia só os livros (já que esses todos são capazes de ler), mas que sabia “ler pessoas”, concluiríamos que essa qualidade - de poucos eleitos - nesse caso, teria o grande mérito de acionar a capacidade criativa do protagonista, que compunha peças musicais originalíssimas, a partir da minuciosa observação do que o circundava (BARICCO 2002: 33).

Há cada vez mais exemplos na arte e na literatura de uma necessidade de reeducação do olhar, em tempos de total embotamento de nossa acuidade visual. A propósito, esse tema foi por nós desenvolvido em análise extensiva (MARTIRANI 2008: 20-1).

Mas a problematização que Javier Marías coloca é a do paradoxo (e não a da idealização), do dilaceramento a que conduz esse fabuloso dom de interpretar.

Uma vez que o menino observador Deza se torna adulto e é convidado a trabalhar como informante do Serviço Secreto de Inteligência da alta cúpula de espionagem britânica, muito comum em tempos de guerra, tudo muda. O halo poético e criativo dos que sabem interpretar para além das primeiras evidências se transfigura em arma perigosa, aparato persuasivo e retórico dos que controlam tudo e todos:

Não se pode dizer a alguém que traduza tudo sem questionar, julgar nem repudiar o que traduz, qualquer loucura, qualquer interpretação ou calúnia, qualquer obscenidade ou selvageria. Embora não seja você mesmo que fale ou diga, embora você seja um mero transmissor ou reproduzidor de palavras e frases alheias, o certo é que as faz bastante suas ao convertê-las em compreensíveis e repeti-las, em muito maior medida do que a imaginável em princípio. Você as ouve, entende-as, às vezes tem uma opinião sobre elas; encontra um equivalente imediato para elas, lhes dá nova forma e as diz. É como se você assinasse embaixo. (MARIAS 2003: 268-9).

No limite, há situações aqui descritas que remetem aos sistemas de opressão dos regimes ditatoriais extremistas, cujas arbitrárias invasões excedem os espaços da vida privada com total ingerência. E assim o “dom especial” de ler pessoas, quanto mais aguçado pela insistência dos que querem arrancar informações, a qualquer custo, transforma-se em pesadelo e violência.

Com efeito, o narrador denuncia que, muitas vezes, devido à pressão, suscitada sempre pelas mesmas perguntas: “O que mais? O que mais lhe ocorre? Diga o que vê, vamos, vá além...” acabou fabulando, inventando circunstâncias que não seriam de todo plausíveis ou dedutíveis. Postura essa análoga à de alguns presos, que sob tortura, contam o que, em verdade, não aconteceu: *É incrível a capacidade que certas pessoas têm de se convencer de que não houve o havido e sim existiu o não existido...* (MARIAS 2003: 314).

Dáí a necessidade de se perceber os dois gumes afiados da mesma lança: a arte de fabular, se, de um lado, eleva e pressupõe um certo dom dos que à ela se dedicam (como os escritores, por exemplo), por outro, dissimula e aniquila.

## Conclusão

Partindo de uma análise aprofundada do ato de traduzir, a princípio enfatizando-o como a capacidade de aproximar universos distintos (sejam linguísticos ou extralinguísticos), não menosprezando os grandes desafios que essa empreitada exige, Javier Marías amplia esse conceito primordial e o torna complexo, ao deslocá-lo para o âmbito da problemática existencial. Em outros termos, quando o narrador afirma que *não se pode dizer a alguém que traduza tudo sem questionar, julgar nem repudiar o que traduz*, ele insere o debate teórico da tradução, no amplo e polêmico tema ético das escolhas, não apenas sintático-semânticas-estilísticas, convenientes ao bom tradutor que *é aquele que apreende os textos em conjuntos: em frases e parágrafos; o que traduz não apenas sentido por sentido, mas conjunto estético por conjunto estético* (FERREIRA 2011: 1), mas também existenciais.

## Referências Bibliográficas

- ARCAINI, E. Modelli teorici per la traduzione. In: *La traduzione*. Quaderni di libri e riviste d'Italia, 28, Roma, Divisione Editoria, 1992: 16 -17-18.
- ARROJO, R. Os "estudos da tradução" como área de pesquisa independente: dilemas e ilusões de uma disciplina em (des)construção. São Paulo: *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v.14, n. 2, 1998.
- BARICCO, A. *Novecento: un monologo*. Milano: Feltrinelli, 2002: 33.
- BAUSCH, K. R.; WELLER, F. R. (eds.). *Übersetzen und Fremdsprachenunterricht*. Frankfurt/Main, Berlin, München: Diesterweg, 1981: 19.
- FERREIRA, E. *As palavras verdadeiramente mais difíceis de traduzir*. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br>>. (2001).
- MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maria Soares. São Paulo: Cia. das Letras, 1997: 54-55.
- MARIAS, J. 2003, *Seu rosto amanhã*. Febre e lança (v.1). Trad: Eduardo Brandão. São Paulo: Cia. das Letras, 2003: 95-96; 117; 227-228; 268-269; 314.
- MARTIRANI, M. C. *Quando o olhar se faz visão*. In: *Jornal Rascunho*, n. 104. Curitiba: Letras & Livros Ltda. Dezembro de 2008: 20-21.
- NEUBERT, A.; SHREVE, G. M. "Foreword: A House of Many Rooms: The Range of Translation Studies". In: D. KADISHI; F. MASSARDIER KENNEY (orgs.). *Translating Slavery: Gender & Race in French Women's Writing, 1783-1823*. Kent, Ohio: Kent State University Press, 1994: vii-xiv.